

VOZ DE MAR QUE NÃO VEJO VOICE OF THE SEA THAT I DON'T SEE

Maria Laura Emanuelle Francelino de Almeida¹

As notas de piano que ouvi tocando naquela tarde reavivaram minhas memórias de um certo dia que fui à praia. Nesse dia eu estava só. Eu, meu livro e meus fones éramos a companhia um do outro. Nos fones tocava Chopin, ouvi-lo enquanto caminho me traz boas sensações, sensações de que eu sempre posso ser alguém melhor, mesmo que não me sinta assim na maior parte do tempo. E naquele momento na praia, como eu havia dito, eu estava completamente só. Então fui acometida por uma melancolia sem igual, na qual me fez observar todas as pessoas que caminhavam por mim e vê-las esbanjando felicidade, felizes por estarem na praia com seus amigos, mas eu saiba que, bem no fundo, todo mundo se sente só e que toda essa felicidade é momentânea.

Apesar de me sentir miúda na solidão e melancólica, me desvencilhei do pensamento no exato momento que meu olhar se fixou no mar que ia se derramando na areia da praia. Fiquei vidrada no movimento que as ondas faziam ao serem formadas com o vento, o mesmo vento que insistia em bagunçar meu cabelo. Eu podia sentir a brisa quente esquentando o meu rosto e o cheiro do sal inundando meus pulmões, era uma delícia estar ali, ali eu me sentia bem. O mar me atraía, todos aqueles azuis me atraíam. Meus olhos refletiam sua beleza, sua imensidão me constrangia e eu me sentia pequena. Uma confusão de sentimentos e pensamentos rodopiavam em minha cabeça. Eu só queria mergulhar fundo, silenciar minha mente, me sentir parte de algo, conectada a algo e só o mar me fazia sentir daquele jeito, só ele me fazia sentir parte de algo muito maior do que minha ínfima existência.

Me senti hipnotizada com vai e vem das ondas, fiquei em estado de transe hipnótico por alguns segundos, o que, sem eu perceber, me fez aproximar mais e mais do mar, passar meus dedos da mão direita na água, lavar meus pés e, por fim, sentar no limite onde a água acabava. Parada e encarando o mar, comecei a perceber que quanto mais eu olhava para ele, mais difícil era evitar a vontade de mergulhar e afundar. E uns minutos após o transe, comecei a sentir perdendo o controle do meu corpo, eu realmente estava paralisada e, ao mesmo tempo, fui invadida por uma sensação pesada e confortável de que nunca mais eu iria sair de dentro do

¹ Graduanda em Letras/Português pela Faculdade de Letras (FALE) na Universidade Federal de Alagoas. Membro bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC).

mar caso eu entrasse. Fiquei dominada por tais pensamentos, eu me sentia tão atraída em mergulhar tanto quanto os piratas se sentiam ao ouvirem os cantos das sereias.

Até que uma mão pesada tocou meu ombro e me tirou do transe, todo aquele devaneio foi interrompido. A luz do sol encandeou minha visão, não sei a quem aquela mão pertencia, só pude ver a silhueta da pessoa que me tocara, mas notei que estava tentando me dizer algo. Tentei ouvir atentamente o que ela me dizia:

— Pare de olhar, é melhor você sair daqui. As más línguas dizem que essa região além de ser misteriosa e perigosa, algumas pessoas acabam desaparecendo. Todos ficam encarando esse mar aí, e “quanto mais olhamos para o abismo, ele também olha de volta para dentro de nós”, então acaba dando nisso, uma quantidade de pessoas engolidas por essas ondas.

Soltei um risinho ao perceber que a pessoa citou Nietzsche, mas esse meu riso fez a pessoa se calar e se afastar, eu nem tive tempo de perguntar nada. Queria ter perguntado quem eram essas pessoas que diziam isso sobre aquela região e por que essa criatura veio falar justamente comigo. No entanto, algo mais bizarro aconteceu assim que a pessoa sumiu.

Absolutamente tudo no meu campo de visão escureceu. Eu ainda estava sentada na areia da praia, bem pertinho do mar e estremecei. Agora não era somente uma sensação, eu realmente não conseguia me mover, me senti sugada e com a respiração curta. “O que estava acontecendo?” Me indaguei, eu realmente não conseguia entender nada do que estava acontecendo. Pude sentir o mar agitado e senti as ondas me arrastando para dentro dele. Eu estava presa dentro do mar, não conseguia respirar, o pânico começou a me dominar e não fazia ideia de como sair. Mas será que eu queria sair? Eu estava tão atraída uns minutos atrás... Entretanto, pude notar que o local onde eu estava era onde as ondas quebravam, o ar começou a me faltar e nesse momento achei que estava alucinando pela falta de oxigênio, pois pude escutar alguém falar comigo.

— Aqui você não está mais só — Disse uma voz sussurrando ao meu ouvido.

— Estou alucinando — pensei, confirmando o pensamento anterior. E apesar daquelas palavras ter sido tão sedutoras, meu coração acelerou e fiz de tudo para tentar fugir, tentei nadar para sair dali, mas quanto mais eu tentava, menos eu conseguia e mais sem ar eu ficava. Eu também não conseguia enxergar nada. Então eu parei de tentar e me rendi. Eu finalmente estava em um lugar onde me queriam, onde eu não estaria mais só e onde eu queria estar há minutos atrás. “Mas que lugar era esse e quem me queria?” eram as únicas coisas que eu estava

pensando. Eu já havia me rendido e só estava esperando o desfecho de tudo que tinha acontecido.

Logo então senti uma mão me puxando e me desesperei. Uma mão me arrastou para cima, me tirou do mar, no próximo segundo eu senti o vento no meu rosto e voltei a respirar. Minha visão estava clara de novo, eu podia ver o céu novamente e podia olhar ao redor. Mas ao olhar ao redor me paralisou, havia uma multidão na praia e mais algumas dezenas de outras mulheres sendo salvas dos possíveis afogamentos. A minha cabeça começou a doer, eu ainda não respirava direito, mas os questionamentos de como tudo isso aconteceu, o que estava acontecendo e o que aconteceu com essas mulheres inundaram minha mente. “Será que foi o mesmo que aconteceu comigo? Então eu não fui a única?”. E novamente meus pensamentos foram interrompidos por uma voz, mas pude distinguir que dessa vez foi a mesma que falou comigo dentro do mar. Ao invés de sussurrar, ela falou em alto e bom som:

“Por ora você escapou, na próxima você virá para sua verdadeira casa.”

Olhei em volta e o assombro que tive foi que todas aquelas mulheres que estavam na praia e foram salvas, também ouviram o mesmo que eu ouvi, eu podia ver o desespero em seus rostos. Engoli seco.

A música ambiente foi interrompida. Meu devaneio foi interrompido também quando a moça da cafeteria que estava parada em minha frente disse que eles já iam fechar. Me senti envergonhada, pedi desculpas por não ter visto o tempo passar, paguei a conta e saí do local. A cafeteria ficava há alguns metros da praia, a única divisão entre ela e a praia era a estrada. Já era noite quando saí, a lua cheia iluminava toda a praia e ao olhar para o mar, senti todos os meus pelos eriçando, um arrepio percorreu toda a minha coluna. Não fazia pouco tempo desde o ocorrido, ainda ficaram muitas incógnitas e havia uma equipe investigativa procurando respostas para o que havia acontecido, não descobriram nada e zero respostas. E assim como eles, eu também não sei o que foi que aconteceu, quem me chamou, quem me sugou e toda aquela loucura. Mas a voz continuava em minha mente e talvez só descubra tudo isso quando eu for para a minha verdadeira casa. E até lá, tenho passado bem longe do mar.